

## Editorial

Nove textos compõem o número 56 da Revista da Escola Superior de Guerra: um ensaio e oito artigos. Textos com perfis diferentes, mas que dialogam com a linha editorial deste periódico semestral.

O ensaio *É evitável o incêndio da biblioteca da floresta?*, de Ennio Candotti, versa sobre a importância de que atores da Amazônia, como os ribeirinhos, participem tanto do monitoramento do clima quanto do movimento de pessoas e animais e do trânsito das mercadorias pelos rios. Como conhecedores da floresta, eles podem auxiliar na coleta de material para pesquisa (sementes, resinas e amostras de fauna e flora) e colaborar nas etapas na construção dos conhecimentos no campo e nos laboratórios dos centros de ciência e tecnologia. Ennio refere-se ao acervo natural da Amazônia como uma biblioteca da floresta em que estão registrados segredos e tesouros do conhecimento que aguardam ser decifrados. Cabe ao Estado e aos brasileiros a manutenção dos “livros” dessa floresta a salvo de qualquer ação depredadora.

O segundo artigo *The state in Africa – whose is it?*, escrito em língua inglesa pelo nigeriano Herbert Ekwe-Ekwe, aborda a diversidade dos países que compõem o continente africano. O texto do cientista político e historiador apresenta uma realidade impressionante e instigante de uma África que ainda não descobriu o grande potencial natural existente – alvo de cobiça alheia. Ekwe-Ekwe enfatiza que o grande desafio da África é conseguir construir estados democráticos capazes de transformar as riquezas existentes em qualidade de vida para os africanos. Segundo o autor, armas e conflitos armados, patrocinados por estrangeiros, determinam o quadro contemporâneo desse território de seres sofridos, incapazes de reverter o trágico contexto atual.

Seguem-se quatro artigos que versam acerca de assuntos variados pertinentes ao cenário internacional. Em *Perspectivas futuras da hegemonia mundial em função da crise econômica*, o autor, Luiz Alfredo Salomão, analisa a estagnação do poder científico-tecnológico e militar em função da crise econômica deflagrada na primeira década deste século. Salomão atesta que apesar de os países membros do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) emergirem no contexto mundial, essa ascensão não chega a alterar o equilíbrio vigente desde a Segunda Guerra Mundial. Segundo o articulista, os únicos abalos dessa ordem foram a queda da União Soviética e o surgimento da Federação Russa.

O texto *Ação, exceção e Estado*, assinado por Rachel Silva da Rocha Coutinho, Victor Leandro Chaves Gomes e Frederico Carlos de Sá Costa, abre uma discussão, iluminada pelas reflexões dos pensadores Nicolau Maquiavel e Carl Schmitt, a respeito de questões ligadas ao Estado-Nação em um mundo de fronteiras cada vez mais fluidas. Os autores deixam ao leitor uma questão incômoda: ações de manutenção do Estado implicam a existência de um ator com poderes absolutos?

A *ONU e a privatização da violência*: a utilização de empresas militares privadas em missões de paz, de Cristiano Mendes e Cristopher Mendonça, discorre sobre a

constante contratação de Empresas Militares Privadas (EMPs), após a Guerra Fria, para atuar em operações militares e humanitárias em qualquer parte do mundo. Destacam o papel, desempenhado pela ONU, na utilização e no monitoramento dessas EMPs em Missões de Paz desde a década de 1960. Os autores põem em pauta os pontos negativos e positivos observados na atuação dessas missões.

Um tema urgente no mundo hodierno é tratado no artigo *Tratamento de crimes ambientais pelo Tribunal Penal Ambiental*, de Alexandre da Costa Pereira e Thiago Oliveira Moreira. Os autores propõem que os crimes ambientais sejam equiparados a crimes contra a humanidade e, portanto, passem para a competência do Tribunal Penal Internacional, já que se constituem em genocídio, tipificado no Tratado de Roma. Argumentos evidentes levantados por alguns estudiosos já cogitaram sobre a equiparação do “Ecocídio” aos crimes de guerra.

Mais três artigos cujos temas enfocam o Brasil completam este fascículo. *O Brasil e as alternativas para o incremento da cooperação em segurança e defesa na Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS)*, rubricado por Carlos Alberto Moutinho Vaz e Eduardo Xavier Ferreira Glaser Migon, debate sobre a ação militar brasileira no âmbito da ZOPACAS, com vistas a vislumbrar atalhos para o estabelecimento e o aumento de iniciativas de cooperação em Segurança & Defesa entre os países-membros desse espaço geopolítico e geoestratégico. O horizonte de eixos de cooperação e pesquisa compreende o salvamento e o resgate no mar, a vigilância marítima e as operações de paz, conforme o relato dos autores em sintonia com o exposto pelo Ministro da Defesa brasileiro na VII Reunião Interministerial da Zona, em janeiro de 2013.

O artigo intitulado *Nelson Werneck Sodré e o desenvolvimento brasileiro*, de Alex Conceição Vasconcelos da Silva, apresenta uma análise da obra do professor e escritor que advogou pela mudança nas estruturas políticas, sociais e econômicas do Brasil. Werneck defende, em sua produção literária, duas acepções dialéticas do encontro entre o “novo” e o “velho” – “a primeira indicava a ‘Revolução Brasileira’ e a segunda, as forças da tradição: o latifúndio e o imperialismo.”

O último artigo *Vocação modernizadora do Exército brasileiro*, de Luiz Rogério Franco Goldoni, arrazoá sobre a trajetória do Exército brasileiro, desde a Primeira República, rumo à modernização. Menciona os obstáculos encontrados em decorrência ao atraso econômico, científico e industrial do país. Consoante Goldoni, “o ganho de autonomia defensiva estaria condicionado à importação de equipamentos militares e a contratação de uma missão de ensino estrangeira.” Já interessadas no mercado brasileiro, potências econômicas e bélicas tentavam atender aos anseios da corporação armada. A Missão Militar Francesa, após uma contenda de cerca de dez anos com outros países concorrentes, ganha a incumbência de estimular a modernização e o aperfeiçoamento profissional do Exército brasileiro.

Os artigos aqui reunidos visam agregar conhecimentos, procedentes de fontes variadas, e ensinar pesquisadores a participarem do debate sobre Relações Internacionais, Ciência Política e outras disciplinas afinadas à Defesa.